

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo 2



Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo 2

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura e a reflexão sobre os processos de simbolização do mundo 2 / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

156 p., il.

ISBN 978-65-5983-757-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.571211712>

1. Literatura. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema. II.  
Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Literatura e a Reflexão sobre Processos de Simbolização do Mundo 2* apresenta, em seus quinze capítulos, trabalhos muitíssimo interessantes no que tange aos processos de simbolização do mundo por meio da literatura. Sendo sua função a transcendência da experiência do leitor a partir do texto lido, os trabalhos que compõem a coletânea são assertivos na averiguação literária sob diferentes vieses metodológicos possíveis nos estudos literários.

Desse modo, há estudos que possuem como *corpus* desde escritores consagrados como Gregório de Matos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Julio Cortázar até menos conhecidos, como Sór Juana Inés de la Cruz, Antonio Muñoz Molina, Edouard Glissant, José Luandino Vieira, Enrique Buenaventura e Sindo Guimarães. Assim, há um rico leque de possibilidades de investigações literárias nesses textos, que cumprem seu papel no que tange à qualidade de verificação de seus objetivos de pesquisa nos textos literários.

Além de estudos cujo *corpus* é uma seleção perspicaz da obra dos autores mencionados, temos trabalhos sobre letramento, papel da literatura no desenvolvimento infantil, literatura digital e ensino de literatura em contexto pandêmico na rede pública de escolas, além de artigos que, utilizando alguns dos autores supracitados, tematizam o (de) colonialismo e a literatura comparada.

Portanto, o livro busca corroborar na produção científica na área dos estudos literários, tão desmerecida – dentre as demais ciências humanas – no imaginário brasileiro enquanto conhecimento científico hoje. Assim, desde leigos na literatura até graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados podem desfrutar dos trabalhos que compõem os capítulos desse livro, que não deixa de ser um grito de resistência em meio à desvalorização da ciência produzida no campo dos estudos literários.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo




## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

HISTÓRIAS DE VIDA NOS LIVROS INFANTIS: SEU PAPEL NA CONSTRUÇÃO DA POSTURA CRÍTICA-REFLEXIVA DAS CRIANÇAS AFETANDO SEU DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, SOCIAL E AFETIVO

Walter Duarte Monteiro Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117121>

### **CAPÍTULO 2..... 5**

A LÍNGUA MATERNA E A LINGUAGEM MATEMÁTICA: DA EUROPA AO BRASIL, DIÁLOGOS PERENES

Paulo Roberto Trales

Simone Maria Bacellar Moreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117122>

### **CAPÍTULO 3..... 14**

PENSANDO AS RELAÇÕES AMBIENTAIS A PARTIR DO CONTO “O JORNAL E SUAS METAMORFOSES”, DE JULIO CORTÁZAR

Luca Ramos Dias

Lucas Leal Teixeira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117123>

### **CAPÍTULO 4..... 28**

O ENSINO DE LITERATURA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Glauco Soares Joaquim


Andréa Portolomeos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117124>

### **CAPÍTULO 5..... 44**

NOTAS SOBRE A LITERATURA DIGITAL


Angeli Rose do Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117125>

### **CAPÍTULO 6..... 68**

IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM *MONSIEUR TOUSSAINT*, DE ÉDOUARD GLISSANT

Maria Helena Valentim Duca Oyama








 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117126>

### **CAPÍTULO 7..... 75**

ESPAÇOS E IMAGINÁRIOS: A FORÇA POÉTICA DAS ÁGUAS NA PRODUÇÃO ROMANESCA DE CARLOS BARBOSA


Joseilton Ribeiro do Bonfim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117127>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
MEMÓRIA ORAL TRANSPOSTA À ESCRITA LITERÁRIA: <i>SEFARAD</i> DE ANTONIO MUÑOZ MOLINA Ana Paula de Souza  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128">https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>100</b>
A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA Maria Cristina Chaves de Carvalho  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129">https://doi.org/10.22533/at.ed.5712117129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
A MEMÓRIA DA VIDA E DA CIDADE DE SEABRA NA POESIA, RUA DA PALHA, DE SINDO GUIMARÃES: UMA VISÃO INDIVIDUAL E COLETIVA Maiara de Souza Macedo Andréia Almeida Santos Pires Gisele Vieira de Souza Marta Aparecida Souza Oliveira  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210">https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>121</b>
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE POR MEIO DA INTERAÇÃO LINGUÍSTICA Crislaine da Silva Borges Rocha Ricardo da Silva Sobreira  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211">https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>128</b>
ENRIQUE BUENAVENTURA E O “TOMAR POSIÇÃO” NA PEÇA <i>HISTORIA DE UNA BALA DE PLATA</i> : UMA NARRATIVA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE Juliana Caetano da Cunha  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212">https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
UM ESTUDO SOBRE LITERATURA COMPARADA: O QUE UNE E O QUE DIVERGE NA LITERATURA DE GREGÓRIO DE MATOS E SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ Laercio Fernandes dos Santos  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213">https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>147</b>
OS JOGOS COMO UM ‘AGÓN’ Amós Coêlho da Silva  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214">https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>156</b>
UM ESTUDO DO NARRADOR NAS ADAPTAÇÕES DE “O GUARANI” POR ANDRÉ	

LEBLANC E IVAN JAF/LUIZ GÊ

Juliana de Lima Lapera Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57121171215>

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 170**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 171**

# CAPÍTULO 6

## IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM *MONSIEUR TOUSSAINT*, DE ÉDOUARD GLISSANT

Data de aceite: 01/12/2021

**Maria Helena Valentim Duca Oyama**

Professora do Curso de Letras Português e Francês/UFRR; Doutora em Letras (UFF)

**RESUMO:** Este estudo tem o objetivo de discutir brevemente o imaginário presente na obra teatral glissantiana intitulada *Monsieur Toussaint*, publicada em 1961. Esta obra põe em evidência o personagem histórico Toussaint Louverture, líder da Revolução de *Saint Domingue*, que culminou com a independência do atual Haiti, em 1804. Observa-se principalmente a relação dos fatos históricos e políticos da ilha com a ficção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário; Haiti; Toussaint Louverture.

**ABSTRACT:** This study aims to briefly discuss the imagery present in the Glissantian theatrical work entitled *Monsieur Toussaint*, published in 1961. This work highlights the historical character Toussaint Louverture, leader of the Saint Domingue Revolution, which culminated in the independence of today's Haiti, in 1804. The relationship of the island's historical and political facts with fiction is mainly observed.

**KEYWORDS:** Imagery; Haiti; Toussaint Louverture.

Como se pode restituir a(s) história(s) dos afrodescendentes ocultada(s) deliberadamente pela História, no âmbito da América Latina e mais precisamente no da região caribenha? E como

fazê-lo diante de populações escravas a quem foram negadas as condições básicas de moradia e de educação após o período da escravidão? Édouard Glissant, ficcionista, poeta, ensaísta e dramaturgo da Martinica, propõe estimular o que chamou de “visão profética do passado”, ou seja, a busca de uma poética que dê conta da reconstrução das histórias rasuradas a partir da travessia do Atlântico dos africanos transplantados para a região caribenha, a “poética da Relação”, que seria uma forma de diálogo que atravessa histórias e imaginários em torno de acontecimentos marcantes da região em tela. Esta comunicação tem o objetivo de discutir o imaginário presente na obra teatral glissantiana intitulada *Monsieur Toussaint*, escrita em 1960. Esta obra põe em evidência o personagem histórico Toussaint Louverture, líder da Revolução de *Saint Domingue*, que culminou com a independência do atual Haiti, em 1804. Trata-se de uma figura emblemática para o pequeno país que ainda hoje sofre as consequências de diversas lutas pela igualdade de direitos. Toussaint Louverture foi tratado ora como sanguinário, ora como mártir em outras obras literárias de outros escritores caribenhos, como o também martinicano Aimé Césaire, com a obra também dramaturga *La tragédie du roi Christophe* (1960), e o cubano Alejo Carpentier, com *El reino de este mundo* (1949), com quem se estabeleceu um diálogo buscando convergências que passam pelas condições

históricas de busca de identidade cultural e também econômica para aquela região.

Neste sentido, Glissant defendeu a necessidade de se criar uma consciência coletiva que se concretizaria com a tentativa de instruir repetitivamente o povo refém da História, com H, a História oficial. Para pensar as possíveis formas identitárias, será discutida também a crítica que Glissant faz ao líder do passado visando ao líder do presente no contexto em que a peça foi escrita, Aimé Césaire, então deputado martinicano na França, a autoridade que aceitou a Lei de Departamentalização da Martinica junto à metrópole, em 1946. Glissant propõe que só uma reflexão coletiva pode levar a uma saída, o que teria de passar forçosamente pelo reconhecimento de uma identidade marcada pela heterogeneidade, pela convergência de várias matrizes. Na peça, o personagem Toussaint Louverture retoma o caminho das suas decisões em diálogo com outros personagens igualmente históricos, o que possibilita a reconstrução de cenários específicos da cela onde o personagem foi historicamente encarcerado na obra e na História, em um calabouço francês.

Glissant escreve *Monsieur Toussaint* em 1961 e atribui suas reflexões em torno da problemática antilhana como a “antilhanidade”. Ele conheceu a realidade histórica haitiana numa resenha de *El reino de este mundo*, como se pode observar no texto “Alejo Carpentier et l’autre Amérique”, publicada em março de 1956 e que faz parte da sua coletânea de ensaios *Intention Poétique* (1969). Ao retomar a história dos heróis da revolução de *Saint Domingue*, antes mesmo de Césaire, com a *Tragédie du roi Christophe* (1963), ele se apropria da história do Haiti, que é talvez a história maior das Américas, que é a independência de uma ex-colônia da França.

Também parece ser significativo que seus primeiros romances, *La Lézarde* e *Le Quatrième Siècle*, tratem de uma temática particular da Martinica mas que pode ser aplicada a todas as ilhas pela própria formação populacional histórica das ilhas.

Glissant tinha consciência de que era necessário dar tempo para a descolonização do imaginário dos antilhanos que sofreram séculos de dominação. Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant, seguem sua reflexão proclamando-se “crioulos” no *Éloge de la Créolité* (1989). Neste texto, eles retomam as reflexões de Glissant sobre a antilhanidade e a negritude de Césaire, e propõem a criouldade: “Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos. Isso será para nós uma atitude interior, ou melhor: uma vigilância, ou, ainda, uma espécie de invólucro mental em cujo interior se construirá nosso lugar em plena consciência do mundo” (CHAMOISEAU, BERNABÉ, CONFIENT, 1989). Deste texto emergiu o conceito de criouldade que visa abarcar o conceito de americanidade. Para estes escritores, que na época viam a civilização caribenha ainda “balbuciente e imóvel”, a criouldade é o *agregado interacional ou transacional* dos elementos culturais caraíbas, europeus, africanos, asiáticos e levantinos que o jugo da história reuniu sobre o mesmo solo. Durante três séculos, as ilhas e as áreas do continente que esse fenômeno afetou foram verdadeiras forjas de uma humanidade nova, onde línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do

mundo, encontraram-se brutalmente desterritorializadas, transplantadas em um contexto onde tiveram que reinventar a vida. (CHAMOISEAU, BERNABÉ, CONFIAINT, 1989).

O quadro de miséria do Haiti, no período de 1911 a 1920, levou os camponeses negros do norte da ilha a se revoltarem armados contra a opressão, mas, ao contrário do que se esperava, uma solução *interna* para os problemas *internos*, uma insólita decisão levou a famosa revolta dos *Cacos* a ser utilizada para justificar a entrada e permanência dos Estados Unidos (de 1915 a 1934), sob o emblema da intervenção militar na ilha, com o apoio de diversos governantes nativos.

Os americanos se impuseram no país de forma avassaladora ao massacrar impiedosamente sua população e conseqüentemente sua auto-estima. A dissolução do exército nacional, a equiparação da moeda haitiana ao dólar, a realização, em nome do país, de empréstimo a juros exorbitantes, pagos para investidores americanos, a anulação da interdição da posse de terras por estrangeiros (estabelecida no século XIX) e a aceleração da expropriação das pequenas propriedades, foram alguns dos atos arbitrários que desrespeitaram a nação haitiana. A população camponesa, duramente reprimida, conseguiu reagir e mais uma vez, conseguiu desestimular os opressores culminando com a saída dos “marines”, em 1934.

As consequências desta ocupação foram desastrosas, com saldos de morte e de miséria. A “traite verte” (tráfico verde), como afirma René Depestre (1980), foi uma destas consequências. Consistia na emigração massiva de milhares de camponeses haitianos pobres e sem terras, para trabalhar nos campos de cana de açúcar de Cuba e da República Dominicana, em condições de trabalho desumanas:

Sous le Régime que la Révolution cubaine a détruit, on *zombifia* complètement l'émigrant haïtien. On en fit une bête, et on répandit sur son compte, (...) les légendes les plus aberrantes. Le vieux racisme recuit de l'ancienne société cubaine était ravi de trouver un bouc émissaire de choix en qui incarner sa propre bestialité, héritage de l'esclavagisme espagnol, et qu'avec l'Amendement Platt le néo-colonialisme yankee s'empresse de faire fructifier. (DEPESTRE, 1989, p. 188-9)

Em 1957, o médico François Duvalier (Papa Doc), negro, surgiu disposto a administrar a nação à sua maneira, ou seja, manipulando o povo através do imaginário religioso. Dizendo-se sacerdote vodu, apresentou-se como candidato à presidência e conseguiu se eleger. Para a população negra e pobre, ele se propunha a lutar contra a opressão dos políticos, dos militares, dos proprietários de terras e dos comerciantes mulatos. Alimentou a discriminação racial, respaldando seu discurso nas teorias do século XIX sobre a reabilitação da raça negra, e conseguiu governar de 1957 a 1971. Também instaurou a presidência vitalícia e hereditária na década de 1960, o que permitiu que seu sucessor, o filho Jean-Claude Duvalier, permanecesse no poder até 1986: “Ditador anti-mulato e anti-comunista, submisso ao Departamento de Estado americano (...) ele era favorável à abertura da ilha aos dólares dos turistas americanos (ANTOINE, 1992). Baby Doc aprendeu

rigorosamente as lições do pai e perpetuou o terror. Segundo Hurbon, Duvalier “aplicou as teses da ideologia racial e nazista na sociedade haitiana” (HURBON, 1988, p. 70), a ponto de criar a polícia secreta, em 1960, os famosos *Tonton Macoutes*. Eram policiais especiais que agiam brutalmente e eram mantidos pelo governo para perseguir, torturar e assassinar prisioneiros políticos. Por um longo período, segundo Hurbon, iniciaram “um genocídio haitiano”, um regime de terror que resultou na morte de mais de 30.000 haitianos. Ninguém podia se expressar, dar opiniões, uma vez que o governo criou a censura à imprensa. Como assinala Antoine, além dos mortos, um milhão de haitianos se exilaram.

A situação de turbulências continuou após a queda da ditadura dos Duvalier, em 1986. Vários governos interinos foram impostos, como o de Leslie Manigat (1988-1989), deposto por um golpe militar do general Henri Namphy (1989) até que Jean-Bertrand Aristide, um ex-padre católico representante da Teologia da Libertação, foi eleito pela grande maioria da população, em 1991 com a promessa de olhar para os pobres e reativar os direitos constitucionais. Revelou-se um líder negro carismático e democrático, o primeiro após 1804, tendo sido o presidente que teve a maior sustentação popular.

Também sofreu um golpe militar, saiu do país no mesmo ano. Raoul Cedras, líder do golpe, dissolveu os partidos políticos e promoveu mais uma turbulência no país que, sofreu sanções econômicas ditadas pelas Nações Unidas em 1993. Como todo trajeto trágico feito pela “intromissão” americana, as forças armadas dos Estados Unidos invadiram a ilha em 1994, com a justificativa de restaurar o sistema eleitoral democrático. Raoul Cedras e sua família se exilaram no Panamá e Jean-Bertrand Aristide voltou ao poder, mas paradoxalmente retomou as práticas políticas ditatoriais, provocando em 1995, ações de milícias nos bairros de Porto Príncipe, onde se registram constantes assassinatos.

Apartir do ano 2000, o Haiti continuou a mostrar o percurso do trágico ao ser declarado o país mais pobre do mundo devido ao desemprego, ao analfabetismo e principalmente aos índices de violência na capital. O presidente Jean-Bertrand Aristide fugiu para a África e o país foi ocupado pelas “forças de paz” da ONU formadas por exércitos de vários países, inclusive do Brasil.

Paradoxalmente, o país teve que se manifestar com relação às comemorações do bicentenário da sua independência nacional, em 2004. Mesmo com tantas turbulências, o povo lembrou a luta heróica de Toussaint Louverture, Jean-Jacques Dessalines e de Henri Christophe. René Préval, ex-aliado de Jean-Bertrand Aristide, decidiu lançar-se às eleições presidenciais em 2006 e conseguiu ser eleito presidente do Haiti, em primeiro turno. Apresentou-se como o homem que poderia reerguer o país.

As soluções parecem estar na reestruturação não apenas político-administrativa do país, mas também na reconstrução do imaginário a partir das próprias turbulências vividas pelo povo, na prática. É o que estão fazendo os escritores haitianos exilados no Canadá, nos Estados Unidos e na Europa, segundo o próprio Depestre.

Glissant faz uma análise de Toussaint como um homem comum, que comete

erros e tenta corrigi-los. Não seria exagerado afirmar que a peça como um todo, pode ser considerada uma *Huit Clos*, de Sartre, voltada, entretanto, para o Caribe e mais especificamente para o mundo colonial. Glissant mesmo afirma que escolheu fazer o que ele próprio afirmou ser “uma visão profética do passado” (GLISSANT, 1961, p.7), ou seja, uma tentativa de resgatar a história de Toussaint a partir de sua prisão. Considera que seu intento é uma ambição poética, visto que a história oficial pára de registrar os fatos a partir da prisão do líder negro, em 1802 e registra sua morte, em 1803, abandonado, no calabouço do forte Joux, na França.

A peça está organizada em dois tempos e em dois espaços. Há o espaço da ilha, *Saint-Domingue*, onde se passam os levantes, as rebeliões, e o espaço da França, lugar do exílio do herói. No entanto, não há fronteiras, no desenrolar das cenas entre o universo da prisão e a ilha natal. Os personagens são predominantemente históricos, mas o autor sugere que aquelas que não o são representam o que teriam sido no real, ou o “que eles foram de fato – com outros nomes.”

A peça se subdivide em quatro atos intitulados: “les dieux”, “les morts”, “le peuple” e “les héros”. Além de Toussaint Louverture, descrito na apresentação como o herói da Revolução de *Saint-Domingue*, Glissant mantém o escravo manco Mackandal, Delgrès (coronel na Guadalupe), Moyse (*sic*), sobrinho de Toussaint, Dessalines (apresentado como o libertador do Haiti), Christophe, como um tenente subordinado à Toussaint, e outros. Alguns personagens fictícios exercem grande influência sobre Toussaint na peça: Maman Dlo, mãe de santo do vodu e Madame Toussaint, que recebe o nome de Suzanne-Simone.

Em “Les dieux”, há o questionamento da traição de Toussaint Louverture bem como sua opção pela religião católica. O personagem que questiona Toussaint Louverture é seu antigo dono, Libertat Bréda, que lhe deu a liberdade, e a educação: “Tu as trahi ta patrie, combattu avec les Espagnols.” Toussaint é firme na sua resposta:

Ma patrie? Trahir est votre privilège, un esclave ne trahit pas. Sa seule science, son refuge, c’est le néant et la stupidité. Alors on l’avoue pour une bête. Le gouvernement refusait la liberté générale. Les colons respiraient une autre royauté. Ils désertaient pour conserver leurs bêtes, j’ai marronné pour défendre des hommes. Lequel trahit, monsieur Libertat? (GLISSANT, 1961, p. 44)

O conflito com a religião é tratado por Maman Dlo, sacerdotiza do vodu que tenta convencer Toussaint Louverture de que suas raízes africanas são mais fortes que as católicas:

Car il est rapide comme Ogoun!  
Il est fort comme Ogoun guerrier.  
Il prend l’éclair et il le déchire.  
Toussaint adore le dieu des Blancs  
Mais dans son coeur Ogoun est  
puissant!



Quand on le frappe on tombe mort,  
Les fusils se cassent devant lui,  
O Toussaint, les loas boivent dans tes  
yeux  
O Toussaint papa Maréchal des  
Tempêtes,  
Quand reviendras-tu dans la forêt?  
Ne vois-tu pas le sang du porc et le  
sabre?  
Ne vois-tu pas que nous volons autour  
de  
toi?  
(GLISSANT, 1961, p.55)

Já a poética da volta ao passado, de Glissant, aponta para a possibilidade de corrigir falhas no presente e no futuro. Assim, o Toussaint de *Glissant* tem a chance de fazer o que Christophe não fez: conversar com o povo, ouvir as bases e se restabelecer em relação como um sujeito rizomático, sem restabelecer a raiz única.

Na peça, percebemos que as reflexões em torno de Toussaint aplicam-se igualmente a Césaire como um dos responsáveis pela Lei de Departamentalização da Martinica, ocorrida em 1946 e amplamente criticada por Glissant, por ter optado, na prática, pela dependência econômica francesa e não por incentivar a sobrevivência da ilha pelo esforço dos povos implicados. Na peça, Glissant mostra que o povo deve se assumir sua condição de colonizado, de transplantado, mas também como elementos de uma cultura crioula, tanto pela língua quanto pela diversidade cultural que lhe foi impressa. Só assumindo suas heranças, sua condição crioula é que este povo pode construir algo novo. Neste sentido, o Toussaint de Glissant é construído como um dirigente confuso, certo, mas no final, rende-se à sua condição crioula, mensagem da antilhanidade, da crioulaização que, ao revelarem a diversidade, a heterogeneidade da região caribenha e do continente americano, possibilitaram novas relações culturais entre o Velho e o Novo Mundo.

## REFERÊNCIAS

ANTOINE, Régis. *La littérature franco-antillaise. Haiti, Guadeloupe et Martinique*. Paris: Éditions Karthala, 1992.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1972. [1949]

CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. *Elogio da crioulaidade*. Trad. Magdala Viana. Dispon. em [http://www.palavrarte.com/equipe/equipe\\_mfvianna\\_prod\\_acad.htm#\\_ftnref1](http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_mfvianna_prod_acad.htm#_ftnref1) (acesso em 16/03/2009).

GLISSANT, Édouard. *L'Intention Poétique*. Paris: Seuil 1969.

\_\_\_\_\_. *Monsieur Toussaint*. Paris: Seuil ,1961.

\_\_\_\_\_. *Poétique de la Relation*. Paris: Seuil, 1990.

HURBON, Laënnec. *Le barbare imaginaire*. Paris: Les éditions du Cerf, 1988.

WHITE, Hayden. "As ficções da representação factual" In.: *Trópicos do discurso*. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EdUSP, 1994. (Ensaio de Cultura)

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 121, 123

Antiguidade clássica 147

Antonio Muñoz Molina 88, 98, 99

### B

Bertold Brecht 128

### C

Clarice Lispector 127

Conto 14, 15, 16, 17, 20, 21, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 97, 103, 104

Coronavírus 28, 30, 42, 43

### E

Édouard Glissant 68

Enrique Buenaventura 128, 129, 133, 134

Ensino 7, 8, 9, 10, 11, 13, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 52, 66, 107, 170

Ensino de literatura 28, 29, 33, 34, 36, 38, 40, 41, 42, 66

Ensino remoto 28, 29, 31, 32, 33, 38, 39, 41

Escola pública 28, 29, 41

### G

Grécia 9, 147

Gregório de Matos 135, 136, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Guimarães Rosa 54, 151

### H

História 1, 2, 3, 15, 23, 24, 25, 31, 40, 42, 55, 62, 68, 69, 72, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 119, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 142, 147, 148, 151, 156, 163, 169

### I

Identidade 1, 45, 61, 66, 69, 85, 87, 101, 102, 105, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 139

Imaginário 34, 37, 58, 59, 61, 67, 68, 69, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 81, 84, 86, 139, 147, 151

Interdisciplinaridade 5

## J

Jornal 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 32, 61, 76

José Luandino Vieira 100, 101, 102

Julio Cortázar 14, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27

## L

Leitor 4, 5, 6, 11, 16, 19, 20, 24, 25, 35, 36, 37, 38, 39, 44, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 107, 111, 112, 119, 160, 168

Leitura 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 21, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 53, 55, 57, 60, 64, 75, 76, 89, 90, 97, 111, 112, 115, 119, 120, 128, 134, 141, 146, 160, 169

Letramento 1, 4, 5, 9, 10, 13, 14, 34, 36, 42, 47, 50, 66

Linguagem 1, 2, 3, 5, 6, 7, 11, 12, 16, 20, 21, 22, 26, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 48, 53, 65, 75, 93, 95, 101, 104, 105, 107, 112, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 137, 141, 143, 145, 147, 169

Literatura 1, 2, 3, 14, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 81, 87, 88, 89, 90, 91, 94, 98, 103, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 118, 119, 120, 125, 129, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 169, 170

Literatura comparada 135, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146

Literatura digital 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 58, 59, 62, 64, 65, 66

Literatura eletrônica 45, 49, 62

Literatura infantil 1, 3

Literatura local 107, 109, 118, 119

Literaturas Africanas 100, 101

## M

Meio ambiente 14, 16, 21, 22, 24, 25, 65

Memória 53, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 133, 147

Memória oral 88, 89, 90, 94

Metamorfoses 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 25, 149

## O

Oralidade 89, 91, 99, 100, 101, 105

## P

Pandemia 28, 29, 30, 33, 38, 39, 42, 43

## **R**

Resistência 100, 105, 112

## **S**

Sindo Guimarães 107, 108, 109, 110, 118, 119, 120

## **T**

Teatro político 128

Testemunho oral 88, 93

## **W**

Walter Benjamin 55, 105, 128, 129, 134

# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2021

# Literatura

e a reflexão sobre os processos de  
simbolização do mundo 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2021